

1

Então, Irene Woodward fugiu de Nova Iorque e foi para a guerra. Foi no início de outubro de 1943. Irene tinha vinte e cinco anos. Guardou a carta oficial de aceitação na carteira de mão. Nunca se voluntariara para nada na vida. Juntamente com a carta, a sua carteira continha instruções para se apresentar ao serviço assim que chegasse a Washington, bem como a reserva de hotel e a marcação para um exame físico e vacinas no Pentágono. O Departamento de Guerra não tinha custeado o seu bilhete de comboio. Nem a Cruz Vermelha. Alguns dos seus documentos tinham o carimbo SECRETO. Estavam escondidos no fundo da bolsa a tiracolo, que repousava sobre a mala de viagem, presa por correias com fivelas. Sentia-se perigosa e à solta. Ninguém sabia que ela se inscrevera e que se fora embora quando não havia ninguém por perto. A imperatriz das fugas.

Que enredo: participara em muitas entrevistas. Esgueirara-se para os escritórios da Região Atlântica para ser inspecionada. As suas cartas de recomendação haviam sido recolhidas clandestinamente, para que ninguém da família soubesse o que ela se estava a preparar para fazer. Inscrevera-se como assistente de recreação na Cruz Vermelha Americana, voluntariando-se para o serviço no estrangeiro. Durante todo o período da guerra e mais seis meses, fosse qual fosse a sua duração — salvo ferimentos ou indicação em contrário. Fora aceite e recebera ordens para frequentar duas semanas de formação na Universidade Americana, em Washington, DC.

Na manhã em que saiu de Nova Iorque, o ar estava suficientemente fresco para que pudesse usar uma blusa branca de manga comprida por baixo de uma camisola vermelho-pálida. Isso era bom, uma vez que não

queria que ninguém se pusesse a olhar para os seus braços. Estava contente por não precisar de um lenço. Maquilhara primorosamente os olhos — estava a tornar-se bastante habilidosa com os corretores. Estava certa de que ninguém iria reparar. Talvez parecesse apenas que estivera um pouco chorosa por causa da partida. Mesmo assim, para disfarçar, levava óculos de sol enganchados no cabelo, aos quais os amigos chamavam «batoteiros». Muito escuros. Muito Bette Davis. A postos, se necessário.

O seu anel de noivado estava no esgoto da East Twenty-Eighth Street, a meio caminho entre as avenidas Lexington e Park. O táxi recolhera-a ali, no escuro. Era provável que o anel estivesse a rebolar pelo cano de esgoto em direção ao rio.



Antes de Irene ficar noiva, saíra de Staten Island e estabelecera-se em Washington, DC — segundo se dizia, «para se encontrar». Numa família cuja tia mais velha era famosa por ter sido a primeira mulher branca a subir o Amazonas, havia espaço para esse tipo de coisa.

Irene experimentara, em vão, diferentes carreiras em DC, mas era irremediavelmente inquieta e nunca estava completamente satisfeita. Começara por trabalhar como secretária de um congressista. Depois, apressara-se a ir vender jóias numa *boutique* de luxo. Demasiado orgulhosa para pedir dinheiro aos Woodward, chegou a tentar empregar-se como governanta de uma família importante. Uma noite, quando se vira a vender bilhetes num teatro burlesco e a pensar em tornar-se empregada de mesa num café, soube que era altura de admitir a derrota e voltar para casa.

Nos últimos três anos, trabalhara na loja de antiguidades da mãe, acabando por a gerir quando ela se ausentava em viagens de aquisição. A Woodward's Antiques era a consagração da mãe, e Irene assumira a causa com zelo. Para a família, o nome estampado na fachada da loja era quase mais importante do que os artigos que se encontravam no interior. O nome ancorava as mulheres, em particular, a um certo estatuto na sociedade local, que não dependia da pessoa com quem se casavam. Começavam sempre por ser Woodward, matriarcas de Nova Iorque.

Contudo, foi na loja de antiguidades que Irene conheceu o seu namorado notável, o filho de uma família proeminente ligada à política. Depois de alguns encontros requintados com champanhe, jantares encantadores

e flores para a sua mãe, a família de Irene decidiu que ele era exatamente aquilo de que ela precisava. A mãe começou a campanha, lembrando a Irene que o tempo não jogava a seu favor, embora tivesse apenas vinte e três anos quando ele a pedira em casamento.

Irene gostava dele, mas não tencionava casar-se com ninguém. Tinha visto os casamentos da mãe e não estava interessada. Vivia no *pied-à-terre*¹ da mãe, um apartamento irrepreensível no segundo andar de um edifício de pedra castanha, no qual a mãe se alojava apenas em ocasiões especiais, ou quando estava numa expedição de compra de antiguidades para a sua loja na zona alta da Broadway. Irene compreendia que ninguém na sua família teria aprovado o facto de ela ir viver com o namorado. Teria sido o escândalo do século. Portanto, não o fez. O que, como é evidente, reforçou a sua determinação de o levar às escondidas para o apartamento sempre que tinha oportunidade.

Ela apenas aceitara a proposta porque os Woodward a tinham pressionado. Não era por causa do dinheiro — afinal de contas, o dinheiro era impróprio. Embora ninguém se importasse com o dinheiro dele, claro. Era simplesmente deixado fora da conversa. A questão era o estatuto social. As vantagens das suas ligações. O pai, que estava no topo das fileiras dos oficiais da marinha que aconselhavam FDR². E ele, o filho, estava destinado a ser um político de mérito considerável. A sua própria família oferecia-se como noiva, pensava ela. Quanto ao noivo, também tinha uma família com que lidar — esperavam uma boa esposa, do mesmo nível social. Ela conseguira adiar o casamento ao longo de dois anos, e agora isto.

Eles não iriam aprovar a sua fuga, e isso fê-la sorrir um pouco na penumbra do táxi. Ficariam chocados, mas não muito surpreendidos. Ela era conhecida pelas suas fugas — certa vez, saltara pela janela do segundo andar para escapar ao pior dos padrastos, aterrara na neve de Staten Island e descera a encosta até ao seu esconderijo secreto no bosque. Mas o episódio mais infame, depois da batalha de gritos trocados com a mãe que se seguiu a esse acontecimento, foi quando, no sábado seguinte, Irene

¹ Residência secundária, geralmente pequena e modesta, possivelmente um apartamento numa cidade grande. (*N. da T.*)

² Abreviatura utilizada à época para designar o Presidente dos Estados Unidos da América, Franklin D. Roosevelt. (*N. da T.*)

esvaziou a caixa de dinheiro na despensa da mãe e foi à cidade apanhar um *Ford Trimotor* para a Virgínia Ocidental, a fim de visitar a tia Sarah, a quem telefonou do aeroporto de Charleston assim que aterrou. Tinha treze anos. Ninguém se apercebeu da sua ausência até a tia Sarah telefonar à mãe para lhe perguntar por quanto tempo a menina tencionava ficar de visita.

Irene riu-se suavemente.

Uma vez, as freiras de Staten Island haviam-na aconselhado a sair de si própria. O que queria isso dizer? Sair para onde, exatamente? Ela ignorara-as. Tal como ignorara a sua recomendação quanto a escrever «Jesus» num pedaço de papel e enfiá-lo num dos sapatos, para que cada passo fosse uma oração automática. Ela nem sequer era católica. Mas ali estava ela, a sair.

O táxi transportou-a na escuridão, enquanto as extremidades da noite se incendiavam a leste e ardiam em vermelho entre os edifícios.

Viajou em silêncio.

O taxista deixou-a na Sétima Avenida. Dirigiu-se a Penn Station, tentando parecer elegante com as suas malas. Ao longo da rua, foi saudada por oitenta e quatro colunas de granito ligeiramente rosado. Apesar de ser manhã cedo, o vasto interior, concebido segundo as linhas dos banhos romanos de Caracalla, ressoava sob um trovão prateado de pés e vozes e anúncios e portas a bater. Ia sentir falta de Nova Iorque.

O Sol elevava-se no céu atrás dela. A luz caía dos portais do teto até ao chão, que ecoava. Ali dentro, tudo lhe parecia antigo, uma estranha catedral. Quando ali entrava, tinha sempre sete anos. A estação estava assombrada por rapazes e velhos que vendiam jornais. O desfile passou: muitos chapéus e muitos sotaques e línguas estranhas que ela ainda não tinha ouvido. Havia soldados e marinheiros a fumar, sentados em bancos. Os carrinhos com bagagens empurrados por pessoal negro fardado podiam ser baús militares. Ela olhava para o seu querido labirinto. Que tipo de Minotauro a esperava? *Oh, Irene, deixa de ser tão sensível.* Foram essas as palavras que ele lhe dissera com um desdém polido na noite em que tudo se desmoronou.

Entregou a bagagem a um carregador de farda no interior do átrio principal e transportou a bolsa de couro a tiracolo e a carteira pendurada no mesmo ombro, uma sobre a outra.

Na bolsa, tinha as últimas edições da *Vogue* e da *New Yorker* — aquela que continha a aventura mais recente de John Cheever. Nem sempre compreendia as histórias, mas enchiam-na de uma melancolia deliciosa. Também na mala tinha os seus cadernos, lápis e canetas, uma lata de pastilhas de framboesa, batom e pó de arroz, pentes, e um romance do Papa Hemingway sobre a guerra. A mala estava pesada. Por baixo de todos esses objetos, enterrados bem no fundo, estavam os seus documentos oficiais. À sua volta, pairavam agora os cheiros de nozes torradas e pipocas e café e charutos e cachimbos e água-de-colônia e *Chesterfields*.

O bagageiro levou-a até à zona de embarque entre comboios. O que poderia ter sido a voz de Zeus, se ele fosse de Queens, ecoou dos altifalantes ao alto: «Comboio 107, embarque na linha três.» O carregador empurrou as malas para o compartimento das bagagens.

— Muito obrigada — disse ela, e deu-lhe cinquenta centavos como gorjeta.

A sua pele era da cor da noite. Ela reparou no cuidado que ele teve em não lhe tocar na mão quando ela deixou cair as moedas na dele.

— Deus a abençoe, menina — disse ele. — E Deus abençoe a América.

Num cartaz de propaganda afixado a uma coluna próxima, um soldado cavalgava sobre um pico acidentado, agitando a bandeira americana:

TÍTULOS DE GUERRA.

— Vamos vencer — disse ela.

— Bem sabe que sim.

— Custe o que custar.

— É assim que somos — retorquiu o bagageiro.

O revisor ao lado do comboio aproximou-se dela com o seu boné vistoso e pegou-lhe no cotovelo, e pareceu-lhe o seu tio Will, com óculos dourados e tudo. Ajudou-a a subir os degraus para a carruagem. Ela apressou-se a sentar-se junto a uma janela iluminada do lado esquerdo, o melhor lado se quisesse admirar os bosques e vislumbrar a água que corria para sul ao longo da linha. Queria ver o pequeno continente de Staten Island, para se despedir. A sua aldeia de Richmond, com as casas assombradas da época da Guerra da Revolução. O vulto desalinhado da ilha, a encolher-se por baixo de Nova Iorque, parecia sempre amigável, como um velhote a tomar uma chávena de café no alpendre.

Ela saboreou o caos que deixara para trás, no apartamento. A chave debaixo do tapete, como sempre. Nem sequer um bilhete. Retirara todas as suas fotografias dos álbuns. As roupas e os sapatos que não trouxera na mala tinham sido atirados fora.

Ele ia entrar, pressentir que havia algo de errado. Abriria uma gaveta. Sentar-se-ia à mesa e beberia um copo de uísque. Agora, ela via como ele era ridículo, como era previsível. Ia ficar furioso quando se apercebesse da derrota. Durante alguns dias, haveria um período de silêncio, seguido de um telefonema aos Woodward, preocupado, mas num tom razoável. Ele iria perguntar à sua mãe se ela teria visto Irene. E, se a mãe não estivesse por lá, iria tentar a casa de campo em Mattituck, Long Island. Não iria desistir. As suas suspeitas haveriam de começar pela família em si — ele estaria certo de que havia uma conspiração para o envergonhar. Ela sorriu. Também não contara nada à família.

Pousou a bolsa a tiracolo no banco a seu lado para dissuadir os cavaleiros demasiado afáveis de se sentarem. Puxou os ganchos do ninho do seu cabelo escuro. Hoje estava aos caracóis. Por uma vez, não os destruíra com a escova. Guardou os óculos na mala.

Do lado de fora da janela, pardais e pombos patrulhavam a plataforma, bicando as migalhas. Partiram para escaramuças por causa de amendoins. Uma ratazana roubou um amendoim e saltou para longe da plataforma. Irene amava a sua cidade. Quando a locomotiva chiou, o seu coração estava capaz de se rasgar como papel. Ela sabia que haveria um túnel com paredes de pedra, sabia que, de repente, a luz do dia iria romper e que haveria árvores a cintilar por entre os raios de sol.

Os sinos tocaram e ela olhou para a janela. «Vais conseguir», disse para o seu reflexo, em voz alta. Tinha olhos cor de avelã e estava farta de tentar explicar de que cor eram.

Sentiu uma leve emoção quando o revisor gritou «Todos a bordo!», para de seguida bater com a porta da carruagem, e o apito soou e o grande comboio arfou como uma besta e gemeu ao afastar-se da plataforma.



Todos os homens Woodward tinham ido para a guerra. Porque não uma das mulheres? Além disso, era a Cruz Vermelha. Nem sequer envolvia armas. Ela expulsara a morte dos seus sonhos. Orgulhava-se da sua

capacidade para o fazer — as ideias desagradáveis voavam como se ela estivesse a expulsar gatos pela porta dos fundos. Não se demorava nelas.

Staten Island não tardou a aparecer, à medida que se deslocavam pela linha — não conseguiu avistar Old Richmond Town antes de tudo ficar para trás.

Quando atravessaram a fronteira estadual, ela compreendeu que estava realmente a avançar com aquilo. Imaginou mulheres de todo o país a deixarem as suas casas e a dirigirem-se para DC, convergindo inexoravelmente para ela, levando histórias, entusiasmo e alegrias. Vivera sobretudo entre as difíceis matronas Woodward e alguns homens. Na verdade, não tinha amigos de infância, exceto os seus primos, rapazes terríveis de Long Island. Que selvagens hilariantes! Deixara-se encantar pelo facto de andarem todos de jardineiras remendadas, e por subirem para cima de velhas carroças no campo e de conduzirem o chasis sem carroçaria do *Modelo T* de Jack Dashiell, a que chamavam «A Plataforma», com cadeiras e um velho sofá atrelados a ele. Jack era um pretendente que se interessara por ela no verão depois do liceu. Ele tinha comprado o calhambeque por um dólar. Juntos, tinham-se embebedado com as garrafas de *bourbon* que o tio Will escondia no celeiro, e fumavam os seus charutos. Ensinará-na a cuspir. Nem por uma vez ela usara batom ou saía naquele bando. Foram presenteados com um jacaré bebé por dez centavos num jogo de arremesso de argolas em Coney Island, e haviam-lhe cedido a caixinha pesada com modos galanteadores. Irene sentira a criatura a arranhar o interior durante todo o caminho para casa. Guardou o monstro na banheira até a mãe o mandar pela sanita abaixo. Depois disso, o nome de código dos rapazes para ela foi sempre «Jacaré».

Os rapazes continuavam a ser os seus favoritos, apesar do noivo.

Ela tencionara regressar a Richmond, à sua casa vitoriana desatualizada mas cheia de elegância, com um alpendre de leitura instável. Ficava a meio da rua, um pouco para lá da igreja de St. Patrick. O seu quarto de infância continuava lá, por cima do alpendre — o Museu Irene, com enciclopédias e livros gastos nas prateleiras, os animais de peluche a dormitarem na cama. Refugiara-se ali várias vezes ao longo dos anos. E como não — na costa, logo abaixo, a ilha tinha vista para a Grande Cidadela do outro lado da água. Ela passeava à beira-mar e olhava para os seus edifícios favoritos: o Empire State, o Chrysler. Os *ferries* eram

os barcos mais agradáveis que alguma vez vira. Ainda havia nela uma criança capaz de esperar que *Kong* estivesse no topo dos arranha-céus, a despenhar biplanos do céu. A emoção de ver a Estátua da Liberdade — especialmente quando chovia. Contudo, para ela, não havia nada mais querido do que o bosque abaixo da sua casa.

Irene brincava com o verniz das unhas. Sempre que regressava a casa, lembrava-se, fugia para o bosque. Tal como nos tempos da infância, quando desafiava a mãe todos os dias, ou quem quer que fosse o pai no momento — o último de uma série, esse húngaro —, e marchava dali com um livro preferido. Tinha uma rotina em que parava para espreitar os quartos assombrados e as caves das casas velhas abandonadas enquanto descia a colina de calções e sandálias. Imaginava que a guerra seria assim. Deambular. Preencher cadernos com as suas grandes ideias. Talvez algum fumo a esvoaçar entre as árvores.

Atrás dela, um homem espirrou como a sirene de um ataque aéreo. O seu companheiro de lugar disse: «Jesus, Benny!»

Ela ignorou-os.

Uma fileira de camiões aguardava a sua passagem num cruzamento; os tanques circulavam sobre reboques planos até onde ela conseguia ver. Era tudo guerra, a toda a hora. Ela perguntava-se como seria o seu uniforme.



O apito silvou e ela abriu os olhos. Abrandaram, com um ruído seco e uma chiadeira tremenda. Uma cidadezinha de Jersey oscilou até eles, à direita, e o revisor cambaleou pelo corredor, a picar os bilhetes. O farfalhar dos jornais intensificou-se quando homens de fato castanho se espalharam para estabelecer um baluarte contra a invasão, salvaguardando as suas ilhas espaciais dos outros homens. Chapéus de feltro por todo o lado.

— Tudo a correr bem? — perguntou o revisor.

Tinha um bigode branco de morsa.

— Continuo elegante — respondeu ela.

Ele picou o bilhete dela e enfiou-o nas costas do assento.

— Muito bem, aventureira — disse ele, afastando-se e apoiando os joelhos nos bancos ao longo do corredor.

Pela janela, via-se o grupo habitual de pessoas com ar irritado na plataforma. Irene tinha esperança de encontrar uma irmã de armas que pudesse apanhar o comboio para Washington. Alguém que lhe pudesse proporcionar um pouco de conversa. Não havia ninguém que se parecesse com ela.

Mas, então, viu um soldado. Era mais alto do que os homens que o rodeavam, com o cabelo curto e encimado por um boné de guarnição vistoso, posicionado em ângulo sobre o olho esquerdo. Ela achou que ele teria uns quarenta anos, mas podia ter vinte e sete. Tinha fitas coloridas pregadas ao peito. Quando a manada subiu os degraus para a carruagem, ela reuniu o máximo de energia que lhe foi possível e dirigiu-a para a porta. Um dos seus primos costumava dizer que ela conseguia atrair os rapazes com mais facilidade do que se apanhava um peixe-gato com mortadela como isco. Era notável a namoriscar e tinha um dom hipnótico para fazer com que os homens se sentissem importantes, mesmo quando ela se estava a rir deles em segredo. Era o seu poder e a sua proteção.

O mais difícil era conseguir que os homens passassem por ela, de preferência em silêncio. Alguns dos cavalheiros da plataforma detinham-se agora a olhar para o seu lugar, lançando olhares de expectativa à bolsa a tiracolo enquanto esperavam que ela libertasse espaço, para depois bufarem ou sacolejarem as pastas ao afastar-se. Pior do que ser rejeitada: ignorada.

És uma pirralha insuportável, repreendeu-se a si própria. Não sou nada, retorquiu.

O soldado subiu a bordo e ela fixou os olhos nos dele. Levantou um dedo, depois baixou o queixo em direção ao lugar ao seu lado. Ele fez-lhe um aceno de cabeça e tirou o boné, enfiando-o no cinto do uniforme. Coxeava e apoiava-se numa bengala, algo em que ela não tinha reparado na plataforma. O uniforme ostentava uma medalha do Coração Púrpura. Ao longo de todo o corredor, as pessoas davam-lhe palmadinhas ou murmuravam cumprimentos aos quais ele respondia com acenos de cabeça, mas não sorria. Ele apertava-lhes as mãos estendidas sem as olhar.

Irene desviou a bolsa e ele ocupou o lugar. Manteve a perna esticada em direção à coxa, apoiando a bengala entre as coxas contra a borda dianteira do assento.

— Agradecido — disse ele, fechou os olhos e recostou a cabeça.

Ela deu por si a olhá-lo. Tinha a quietude de uma estátua. Uma cicatriz ao canto do olho. O brilho leve de pelos na maçã de Adão.

Depois, apareceu o revisor, tocou no ombro do soldado e entregou-lhe um jornal.

— Aqui tem, sargento — anunciou. — O *Herald* de hoje.

— Obrigado, senhor.

— Não... *Eu* é que agradeço, filho.

O soldado abriu o jornal.

— Como foi? — perguntou o revisor.

— Quente, senhor.

O revisor olhou para baixo, como se esperasse mais.

— Pacífico? — arriscou.

O soldado acenou com a cabeça. Uma vez.

— Palmeiras — disse.

O revisor deu-lhe uma palmadinha no ombro e seguiu para o fundo da carruagem. O soldado estudou o jornal.

— Então — disse Irene. — É sargento.

Outro aceno de cabeça. Cheirava a água-de-colônia e a tabaco.

— Todos a bordo! — E o revisor inclinou-se para fora da carruagem, apoiou-se com uma mão, acenou ao maquinista, voltou a subir e bateu com a porta. A viagem prosseguiu.

Irene fixou o olhar no soldado até ele olhar para ela.

— Não quero falar sobre isso — disse ele.

— Toda a gente espera que o faça?

— Você não?

Ela virou-se para trás.

— Foi isso que aconteceu à sua perna? — perguntou, a olhar pela janela.

— Qual perna? — ele riu-se pelo nariz, um sopro amargo, depois inclinou-se para bater na perna, que fez um som oco. — Metal — revelou ele.

Optando por ser audaz, ela disse:

— Mostre-me. — A audácia resultava sempre.

Ele ficou surpreso, mas puxou a perna da calça para cima.

— Cintilante, não é? — indagou.

Ela pôs a mão no antebraço dele.

— Lamento. — Ela estudou a perna dele e lançou-lhe um olhar de arco-íris.

Aparentemente, ele era daltónico. Voltou a pegar no jornal.

— Não faz mal, menina. Eu tinha mais uma.

— Doeui muito? — Ela odiou-se por perguntar.

— Morfina. O pequeno-almoço dos campeões. — Abriu a página de desporto.

Irene viu Spud Chandler e Stan Musial nas manchetes desportivas. Ela não sabia ao certo porque continuava a tentar meter-se com ele. Era como uma compulsão.

— Fã de basebol? — tentou.

Ele aproximou o jornal do próprio rosto.

— Preciso do seu conselho — insistiu.

Ele soltou um resmungo.

— Estou a caminho da guerra. Pronto. Já disse.

Ele pousou o jornal.

— Jesus.

— Era isso que queria dizer-lhe.

Agora, ele não se conseguia conter.

— Que ramo? WAC³? WAVES⁴?

— Cruz Vermelha.

Ele pareceu descontrair.

— Unidade das arrastadeiras. Ainda assim, a enfermagem é um trabalho duro.

— Não é enfermagem.

— Ah, não? Então, o que é?

— Clubmobiles.

Ele franziu o sobrolho.

— Que raio é isso?

— Serviço móvel. Conforto, apoio moral. Tanto quanto sei, estaremos a apoiar as tropas no terreno. Faremos café e donuts. Em camiões.

— Vocês o quê?

³ Corpo Auxiliar do Exército Feminino. (N. da T.)

⁴ Braço feminino da Reserva Naval dos E.U.A. (N. da T.)

— Café. E dónutes.

Ele riu-se.

— Clubmobiles — explicou ela. — Um clube da Cruz Vermelha... sobre rodas.

— Dónutes — ele abanou a cabeça. — Agora posso dizer que já ouvi de tudo.

Ela não gostou do tom dele.

Mais uma vez, levantou o jornal como barreira entre os dois.

— Boa sorte, irmã.

Irene virou-se para o lado oposto. *Tudo bem, sê mal-educado*. Do lado de fora da janela, quintais e ferros-velhos e docas de carga e pequenos bosques desordenados e estradas estreitas e chaminés. Colinas escarpadas. Fábricas por detrás de cercas descaídas. Uma barbearia com o poste a girar numa rua deserta. Em grande parte, o mundo parecia consistir em torres de água e carros à espera de semáforos intermitentes.

— Tem algum conselho?

— Claro que sim — disse ele. — Não vá.

— Obrigada pela sua opinião. — Cruzou os braços.

— Veja se protege o couro, que tal?

— Desculpe o incómodo.

— Veja, não é lugar...

— Para uma rapariga?

Ele desistiu e amachucou o jornal em sinal de frustração.

Ela virou-se para ele.

— Tenciono servir o meu país — acrescentou ela — e isto é tudo o que me permitem fazer. Nunca fiz um dónute na minha vida. Não sei conduzir um camião. E o café que preparo tem fama de incapacitar os infelizes que o bebem. Por isso, diga-me, sargento, você que é especialista: como acha que me vou sair?

Ele baixou ligeiramente a cabeça.

— Lindamente — respondeu. — Vai sair-se lindamente. Respirou fundo e soltou o ar. — Escute, não vai ouvir o tiro que a atingir. Por isso, mantenha-se inatingível.

O comboio estava agora a abrandar. O apito e os sinos soaram e o revisor passou a bramir o nome da cidade. Ela sabia que nunca se iria lembrar.

O soldado agarrou na bengala e remexeu-se no assento, tentando tirar a perna metálica do caminho.

— É a minha paragem — anunciou. — Vou a casa ver a minha mãe.

De repente, ela amava-o.

— Boa sorte — disse. — Alguma palavra para mim?

— Ouça — respondeu ele. — Se conseguir voltar para casa, vai ficar tão agradecida que, ao princípio, nem se vai dar conta de que sobreviveu. Mas, quando se aperceber de que sobreviveu, só então vai começar a entender.

Apoiou-se nas costas do assento à sua frente e debateu-se até conseguir sair para o corredor.

— Entender o quê? — insistiu ela.

Ele limitou-se a olhá-la e saiu do comboio.